

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Carlos Roberto Figueiredo Nogueira \*

Publicado há dez anos na Inglaterra, *Religião e o Declínio da Magia* de Keith Thomas veio, ainda que tardiamente, preencher uma imensa lacuna bibliográfica. Essencialmente um livro sobre o marginal, daquilo que foi por muito tempo uma "zona cinzenta" dos estudos históricos, constitui um esforço de arqueólogo: mergulhar nas sombras da Modernidade e procurar decifrar o universo das crenças mágicas em suas relações com a ortodoxia dominante. Na perspectiva de Thomas, Religião, Magia e outros termos correlatos, não se encontram claramente definidos, mesmo em suas interrelações com outras crenças, o que abre espaço às inquietudes do leitor em relação a aspectos específicos, sem que seja necessário comungar com as interpretações propostas para os mesmos.

Crenças religiosas e mágicas (mágico-religiosas?), aparecem, pelos testemunhos de juízes, astrólogos, pastores e confissões, em sua real dimensão: a angústia cotidiana frente à crueza do ambiente e sua impotência de superação da realidade à qual – desgraça das desgraças! – a Reforma acrescentará uma nova crueldade – a demonstração da impossibilidade humana de contar com o tradicional apoio de santos, relíquias, anjos da guarda, enfim, toda uma possibilidade de intervenção divina imediata, que pelo menos, confortava psiquicamente a perplexidade humana frente às contingências do viver.

Nesta obra, não é exatamente o título que desvenda o seu real conteúdo, mas seu subtítulo original: "Estudos sobre Crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII", ou seja: um extenso e meticulosamente erudito inventário sobre aspectos distintos da mentalidade inglesa no início dos tempos modernos. O resultado desta "aventura" de prospecção não decepciona: a despeito de suas interpretações haverem sido criticadas e revistas na

---

\* Professor Doutor Depto. História FFLCH/USP. Autor dos livros *O Diabo no Imaginário Cristão* (São Paulo: Ática, 1986) e *Bruxaria e História: As Práticas Mágicas no Ocidente Cristão* (São Paulo: Ática, 1991).

última década, permanece um livro que não pode ser lido sem que se consiga uma melhor compreensão de uma grande variedade de temas instigantes.

*Religião e o Declínio da Magia* é um trabalho pioneiro. Pioneiro ao utilizar na análise histórica as contribuições da Antropologia Social, pioneiro ao tentar avaliar – ainda que de um modo excessivo e bastante criticável – suas interpretações com os estudos da Psicopatologia tradicional. A tarefa imposta, como Thomas já suspeitava, era desmesurada: "*Estarei satisfeito se historiadores futuros conseguirem substituir minhas tentativas de generalização por uma versão mais adequada da verdade*"; ficando a impressão por suas declarações no Prefácio, que o autor começou escrevendo um livro e terminou escrevendo outro.

A pretensa unidade das práticas mágicas entrevista, revela mais antagonismos que convergências, talvez por ter rejeitado o fato de que o Cristianismo *lato sensu* era uma força totalizante na experiência popular e em consequência, deixando de perceber que as práticas mágicas brotavam da religiosidade popular e com ela se relacionavam de um modo estreito. O resultado é uma excessiva cautela, com afirmação e posterior negação de argumentos, aos quais inevitavelmente, Thomas é obrigado a retornar, em sua extremada preocupação em distinguir a Magia da Religião, bem como afirmar a singularidade da Inglaterra frente a uma Europa Continental.

A obra é dividida em seis grandes unidades, além de uma introdução ao período estudado e uma Conclusão, que se intitulam respectivamente: Religião, Magia, Astrologia, O Apelo ao Passado, Bruxaria e Crenças Assemelhadas. Destas, "O Apelo ao Passado" e "Crenças Assemelhadas", são menos felizes que as outras, pois a informação aí contida, extremamente interessante de *per sí*, permanece isolada, sem conseguir contribuir muito para o entendimento do restante da obra. Esta última, em especial, ao tratar de fantasmas, crença no purgatório, tempo e estações, parece (com exceção da abordagem sobre as Fadas) demandar uma explicação: "assemelhadas a quê?, pois não são esclarecidas em nenhum instante, suas ligações explícitas com a Magia, ou como pensam outros autores – em especial L. Febvre e J. Delumeau -, com a própria religião. Já o "O Apelo ao Passado", que se resume a um capítulo "Profecias Antigas", documenta uma temática de grande interesse – profecias populares acerca de eventos públicos, inegavelmente ganharia em profundidade se relacionado com as profecias religiosas da unidade "Religião". Por outro lado, a divisão "Astrologia" apesar de relacionada apenas indiretamente com as práticas mágicas, contém preciosas informações sobre esta arte, graças às pesquisas efetuadas pelo autor, junto à coleção legada por Elias Ashmole, as quais permitem recuperar o cotidiano dos astrólogos e seus consulentes e entrever suas preocupações, dúvidas e angústias.

As unidades restantes *Religião, Magia e Feitiçaria*, compõem a parte principal e mais substancial da obra. Apesar de algumas simplificações e um certo "olhar estrangeiro", motivados por uma ênfase racionalista que tende a não ter em conta as estruturas mentais da época, sua contribuição para trazer à luz a um grande número de lugares escuros da história da cultura é inegável. Em seus vários sub-títulos e intertítulos, encontramos curandeiros, reformadores, esconjuradores, pregadores, juizes e bruxas, que parecem por suas práticas e testemunhos, apontarem para uma única direção – o papel da ortodoxia católica frente ao universo das crenças mágicas. Na Inglaterra medieval e moderna, os homens estavam sujeitos a males individuais e coletivos, que são necessariamente atribuídos a forças ocultas: O recurso apropriado era por vezes, a consulta a um curandeiro ou a uma feiticeira, ou alternativamente – e em especial em casos muito ameaçadores – a intermediação dos santos ou de seu preposto, o sacerdote. Contudo, após a Reforma Protestante, os ingleses apesar de continuarem expostos à mesma ordem e grandeza de forças malignas, não podem mais contar com a *boa magia*, condenada e proibida pelos reformadores. Nesta carência de meios de restabelecer o equilíbrio psíquico, é que Thomas vai encontrar os argumentos para explicar fundamentalmente a perseguição às bruxas na Inglaterra. Argumentação brilhante e convincente, que desvenda o verdadeiro papel da Igreja católica no contexto cultural da Inglaterra e as marcas indeléveis que deixou no universo das crenças populares. Enfim, uma análise iluminada que justificaria a leitura deste livro, não fosse a imensa riqueza de pistas e sugestões esgrimidas a todo instante, em uma combinação bastante paradoxal de uma extrema timidez que é aliada, ou melhor, compensada, pelo inigualável virtuosismo deste historiador pioneiro.

Quanto à tradução, infelizmente há alguns problemas que merecem ser apontados. Em uma edição bem cuidada e até luxuosa para os nossos padrões tupiniquins, as notas deveriam respeitar a localização original, ao pé da página correspondente, uma vez que em um livro de tais proporções, torna-se extremamente difícil para o leitor consultá-las, tendo que inúmeras vezes interromper a leitura e deambular por centenas de páginas para encontrar a nota correspondente e que na maioria das vezes, resulta extremamente elucidativa.

A tradução em si, apresenta-se bastante razoável, no entanto como contribuição a uma futura revisão e um alerta a leitores menos avisados, julgamos necessárias algumas observações. Desprezando pequenos deslizes, quiçá oriundos de uma tradução a "quatro mãos", existem algumas impropriedades que ameaçam a qualidade do texto. Por exemplo "a impiedade por modismo" foi traduzida como "a descrença dos elegantes" (p. 100) e a

afirmação dos Familistas que "Jesus era um Símbolo" (p. 308), aparece como "Jesus era um Tipo", o que pode levar a uma certa perplexidade. Mais grave entretanto, é a tradução de *wisard* (feiticeiro, encantador) por mago ou bruxo, o que pode ser desconcertante em certas passagens. Do mesmo modo *fairy* é traduzido corretamente como fada na primeira parte do texto, sendo em seguida substituído aleatoriamente por *duende* o que torna um tanto confuso o capítulo 19. página 156 foi suprimida a explicação de que *wise man* era "o termo utilizado para os três reis magos ou *Magii* do Oriente".

Existe ainda uma preocupação dos tradutores de emprestar um "tom brasileiro" ao texto, que resultaram em pequenos desastres – a primeira é a tradução de *ploughboy* = rústico, lavrador, por *caipira* (!) e, a segunda foi a tentativa frustrada de ilustrar a linguagem claudicante de um camponês semi-analfabeto que redundou em uma horrível paródia em português, que não tem qualquer relação com o original e nem contribui para clarificar o texto (p.259). Caberia ainda ressaltar a insistência de retirar as maiúsculas que existem no original para designar livros, seitas, etc..., o que pode levar a confusões provocadas pela perda da especificidade conferida pelo autor. E por fim, alertamos aos leitores menos versados em uma cronologia histórica sobre a ambigüidade da tradução do termo *modern* (moderno, recente) ao se referir a tempos modernos ou autores modernos, sem que se saiba às vezes (a não ser recorrendo em agonia às notas) se o texto se refere à época contemporânea ou a assim chamada Idade Moderna).

Contudo, parodiando uma citação de Elizabeth I, sobre a aparição de um cometa "Os dados (e não a sorte) estão lançados!", e se os problemas apontados não comprometem o todo da edição, deveriam ser revistos oportunamente. Constituem antes de mais nada, "avisos" para aqueles que lerão, e acreditamos com bastante prazer, este clássico da história cultural, inventário precioso e instigante para a compreensão do universo mental dos homens da Modernidade e, em particular, de suas crenças. Crenças estas, nas palavras finais de K. Thomas não "menos merecedoras de respeito que algumas das crenças que conservamos até hoje".